



Graduação Pós-Graduação
 Artigo completo Relato de prática Resumo expandido

**UMA VISÃO INTEGRATIVA ENTRE EMPREENDEDORISMO
SOCIAL FEMININO, ECONOMIA SOLIDÁRIA E
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: a experiência da Associação de
Mulheres AMAJE em Alagoas**

Bianca Maria Ferreira Cabral
Universidade Federal de Sergipe
bianca.cabral@ifal.edu.br

Maria Elena Leon Olave
Universidade Federal de Sergipe
mleonolave@academico.ufs.br

RESUMO

A busca por modelos de desenvolvimento capazes de conciliar crescimento econômico, inclusão social e sustentabilidade ambiental tem impulsionado novas abordagens no campo da bioeconomia e do empreendedorismo social. Nesse contexto, iniciativas coletivas lideradas por mulheres têm se destacado como estratégias relevantes para o fortalecimento de economias locais e para a promoção do desenvolvimento territorial sustentável. Este estudo tem como objetivo analisar de que forma práticas de empreendedorismo social feminino associadas à economia solidária contribuem para o fortalecimento de sistemas produtivos locais e para o desenvolvimento territorial sustentável, a partir da experiência da Associação das Mulheres em Ação de Jequiá da Praia (AMAJE), localizada no litoral sul de Alagoas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, fundamentada em revisão de literatura e análise documental de registros institucionais da associação. Os resultados indicam que as atividades desenvolvidas pela AMAJE, como produção artesanal, participação em eventos comunitários e reaproveitamento de resíduos da pesca para produção de adubo orgânico, evidenciam práticas alinhadas aos princípios da economia solidária, da bioeconomia em ambientes liderados por mulheres com um objetivo principalmente de cunho social. Essas iniciativas demonstram potencial para fortalecer arranjos produtivos locais, ampliar oportunidades de geração de renda e promover protagonismo feminino em comunidades costeiras.

Palavras-chave: Bioeconomia; Empreendedorismo social feminino; Economia solidária; Desenvolvimento territorial sustentável; Sistemas produtivos locais.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a necessidade de repensar os modelos de desenvolvimento no âmbito econômico e social tornou-se cada vez mais evidente. O crescimento econômico dissociado da justiça social e da preservação ambiental tem se mostrado insustentável, resultando em degradação ambiental e aprofundamento das desigualdades sociais (VEIGA, 2010). Nesse contexto, estratégias contemporâneas passam a demandar abordagens integradas entre economia, sociedade e meio ambiente, reconhecendo a interdependência entre essas dimensões. Conforme Sachs (2008), o desenvolvimento sustentável pressupõe a articulação entre inclusão social, viabilidade econômica e responsabilidade ambiental, constituindo um modelo capaz de promover equilíbrio entre crescimento e equidade.

Nesse contexto, ganham destaque abordagens que articulam inclusão produtiva, conservação ambiental e dinamização de territórios, especialmente em comunidades rurais e tradicionais, onde os recursos naturais desempenham papel central nas dinâmicas socioeconômicas (VEIGA, 2010). Entre essas abordagens, a bioeconomia emerge como um paradigma contemporâneo que integra uso sustentável de recursos naturais, inovação e organização de sistemas produtivos, estando associada à valorização da biodiversidade e à adoção de práticas produtivas ambientalmente responsáveis (BUGGE; HANSEN; KLITKOU, 2016; STAHEL, 2016).

Por outro lado, e de acordo com o SEBRAE (2023) a economia solidária remete ao conjunto de atividades econômicas - de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito - organizadas sob a forma de autogestão, de forma que a administração da organização ou empresa seja realizada pelos seus membros de forma democrática, portanto, adotar um modelo de economia solidária implica valorizar ações de colaboração, solidariedade e coletividade, permitindo que as relações entre pessoas e empresas ou organizações possam ser mais justas do ponto de vista social e sustentáveis pelo lado econômico e ambiental. São exemplos de empreendimentos de economia solidária as cooperativas de reciclagem, grupos de agricultura familiar, empresas cooperativas de crédito, coletivos ecológicos e pequenos e médios produtores de alimentos orgânicos.

Paralelamente, o empreendedorismo social tem se consolidado como uma estratégia relevante para a promoção de inovação social e geração de impacto positivo, distinguindo-se do empreendedorismo tradicional por priorizar objetivos de natureza social (MAIR; MARTÍ, 2006; AUSTIN; STEVENSON; WEI-SKILLERN, 2006). Nesse campo, o empreendedorismo

feminino assume papel significativo ao ampliar a participação das mulheres nas dinâmicas econômicas e sociais, além de fortalecer iniciativas coletivas em contextos locais (BRUSH; DE BRUIN; WELTER, 2009; BALESTRIN; AGOSTINI; BREITENBACH, 2022). Estudos recentes indicam que o empreendedorismo feminino coletivo desempenha papel central na geração de renda, no fortalecimento da autonomia das mulheres e na ampliação de redes colaborativas, especialmente em contextos territoriais vulneráveis (MCADAM; HENRY, 2021).

A articulação entre empreendedorismo feminino e organização coletiva aproxima-se dos princípios da economia solidária, fundamentada na cooperação, na propriedade coletiva dos meios de produção e na gestão democrática das atividades econômicas (SINGER, 2002). Essa perspectiva contribui para o fortalecimento de vínculos sociais e para a construção de formas alternativas de organização produtiva, especialmente em contextos territoriais marcados por vulnerabilidades socioeconômicas (LAVILLE, 2009). Evidências empíricas indicam que associações de mulheres, em contextos rurais e costeiros, têm potencial para mobilizar saberes tradicionais, promover o uso sustentável de recursos naturais e ampliar oportunidades de inserção produtiva (BERTOLINI E FRAGA, 2013; BALESTRIN, AGUSTINI, BREITENBACH, 2022).

Apesar dos avanços teóricos, persiste uma lacuna na literatura quanto à compreensão de como iniciativas coletivas lideradas por mulheres se estruturam e produzem efeitos em termos econômicos, sociais e ambientais, particularmente em experiências associadas à bioeconomia, à economia verde ou na integração destas com a economia solidária. Diante disso, apresenta-se a seguinte questão de pesquisa: *Como se configuram as práticas produtivas organizadas por coletivos de mulheres e quais impactos geram em contextos rurais e costeiros?*

O objetivo geral deste artigo é analisar criticamente a produção científica sobre a interface entre empreendedorismo social feminino, economia solidária e desenvolvimento territorial, articulando essa discussão à análise das práticas produtivas da Associação das Mulheres em Ação de Jequiá da Praia (AMAJE) em Alagoas, selecionada como caso de estudo.

Especificamente, busca-se: (i) identificar na literatura os fundamentos de empreendedorismo social feminino, economia solidária e sua aplicabilidade em sistemas produtivos locais que fortalecem o desenvolvimento territorial rural ou costeiro; (ii) discutir as contribuições do empreendedorismo social feminino para iniciativas sustentáveis associadas à Bioeconomia e à Economia Solidária; (iii) analisar o papel da organização coletiva (associação de mulheres AMAJE) na promoção de práticas produtivas ambientalmente responsáveis,



mostrando a ligação com os conceitos de empreendedorismo social feminino, Economia solidária, biotecnologia ligados à desenvolvimento territorial.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como de cunho descritivo, de abordagem qualitativa, combinando revisão sistematizada da literatura com análise documental. A revisão abrange produções científicas relacionadas aos eixos teóricos do estudo, enquanto a análise documental concentra-se em registros institucionais, relatórios e materiais produzidos pela AMAJE. Essa estratégia permite examinar, de forma articulada, os referenciais teóricos e a materialidade empírica da experiência investigada.

A relevância deste estudo reside em sua contribuição para o debate sobre empreendedorismo social feminino, entrelaçado aos conceitos de bioeconomia, economia solidária e desenvolvimento territorial, permitindo analisar, de forma integrada, cooperação social, organização produtiva e sustentabilidade em contextos locais. Ao examinar uma experiência concreta, o estudo amplia a compreensão sobre o papel de iniciativas coletivas femininas na construção de alternativas de desenvolvimento alinhadas às especificidades territoriais.

Este artigo foi estruturado em cinco seções, a primeira contendo uma introdução à temática, apresentando a questão de pesquisa, os objetivos, a justificativa e relevância do tema; outra seção elencando a integração entre empreendedorismo feminino, economia solidária e Desenvolvimento territorial; a terceira seção apresentando as escolhas metodológicas, a quarta analisando os dados e discutindo os resultados e finalmente, a seção de conclusões.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Empreendedorismo Social Feminino e as Associações de Mulheres

O empreendedorismo social feminino pode ser compreendido como um fenômeno que articula a atuação empreendedora de mulheres com a geração de impacto social positivo, especialmente em contextos de vulnerabilidade e desigualdade. É notório o entendimento que o empreendedorismo feminino cresce exponencialmente seja por demanda de ideias capazes de solucionar problemas da população, ou seja pelo surgimento da necessidade de renda, uma vez que esse tipo de empreendedorismo permite às mulheres maiores condições de liberdade, flexibilidade, independência e valorização de oportunidades na carreira mediante a obtenção de uma fonte de renda (FERREIRA; BASTOS; DANGELO, 2018).

Já ao falar de empreendedorismo social, nos referimos à forma de empreendedorismo que possibilita a construção de negócios com foco em promover mudanças sociais e ambientais. Neste cenário encontra-se o empreendedorismo social feminino, ou seja, iniciativas lideradas por mulheres tentando encontrar soluções que transformem a realidade das pessoas e/ou comunidades, resolvendo problemas reais da sociedade através de produtos e serviços. Para isso, utilizam estratégias e técnicas de gestão comuns ao mundo corporativo focando em sustentabilidade, criatividade e inovação para ampliar o alcance dos resultados. Para as empreendedoras sociais, o lucro não é o objetivo principal. O que está em jogo, na verdade, são os benefícios sociais que podem resultar das ações dos negócios.

O empreendedorismo social feminino, quando articulado em associações de mulheres inseridas em comunidades como por exemplo nas costeiras, revela-se como uma estratégia potente de desenvolvimento local sustentável, sobretudo quando integrado aos princípios da economia solidária e às aplicações da biotecnologia. Esses elementos, quando combinados, promovem não apenas geração de renda, mas também transformação social, valorização dos saberes tradicionais e fortalecimento dos arranjos produtivos locais.

Nas comunidades costeiras, marcadas pela dependência de recursos naturais e pela vulnerabilidade socioeconômica e ambiental, as mulheres desempenham um papel central na organização produtiva e na manutenção das dinâmicas comunitárias. Ao se organizarem em associações, elas constroem espaços coletivos de decisão, cooperação e partilham conhecimentos, o que está diretamente alinhado com os fundamentos da economia solidária, tais como autogestão, cooperação, solidariedade e justiça social (ARAÚJO; FAHD, 2023). Nesse contexto, o trabalho deixa de ser apenas uma atividade econômica individual e passa a ser uma prática coletiva orientada para o bem comum.

A inserção da biotecnologia nesse cenário amplia significativamente as possibilidades de atuação dessas associações. Em comunidades costeiras, isso pode se materializar em práticas como o cultivo sustentável de algas, o beneficiamento de pescado, a produção de biofertilizantes, cosméticos naturais ou alimentos, entre outros.

2.2 Economia Solidária e Associação de Mulheres

Economia solidária é definida como um conjunto de práticas econômicas organizadas coletivamente, nas quais os trabalhadores participam de forma democrática da gestão e da distribuição dos resultados, promovendo equidade e valorização do trabalho humano (BRASIL,

2025). Nesse sentido, ela se consolida como uma estratégia relevante para grupos historicamente marginalizados, especialmente mulheres, que encontram nesse modelo uma alternativa para geração de renda e autonomia econômica.

A literatura contemporânea destaca que as mulheres representam a maioria dos participantes da economia solidária, chegando a cerca de 70% da força de trabalho nesse setor em nível global (CARVALHO, 2025). Esse dado evidencia o protagonismo feminino e reforça a relação entre economia solidária e empoderamento das mulheres, especialmente em contextos em que elas enfrentam desigualdades estruturais no mercado de trabalho formal.

No contexto das comunidades costeiras, a economia solidária assume características específicas devido à forte dependência dos recursos naturais e à presença de modos de vida tradicionais. Nessas localidades, associações de mulheres organizam atividades como pesca artesanal, mariscagem, artesanato, beneficiamento de alimentos e produtos naturais, estruturando cadeias produtivas locais baseadas na cooperação e no uso sustentável dos recursos. Essas práticas contribuem para o fortalecimento dos territórios e para a conservação ambiental, elementos centrais para a sustentabilidade dessas comunidades.

2.3 Associações de Mulheres e Desenvolvimento do Território

Do ponto de vista conceitual, as associações de mulheres podem ser compreendidas como formas de organização social baseadas na cooperação, na participação coletiva e na busca por objetivos comuns, especialmente relacionados à melhoria das condições de vida e ao fortalecimento da autonomia feminina. Essas organizações operam como espaços de mobilização social, onde se articulam práticas produtivas, redes de solidariedade e processos de empoderamento (COSTA; CARDOSO, 2023).

No campo do desenvolvimento local, a literatura recente enfatiza que esse conceito vai além do crescimento econômico, envolvendo também dimensões sociais, culturais e territoriais. O desenvolvimento local territorial é entendido como um processo construído a partir das potencialidades do território, valorizando os recursos locais, os saberes tradicionais e a participação ativa dos atores sociais (MILANI, 2020).

Nesse contexto, as associações de mulheres desempenham um papel estratégico, pois contribuem para a dinamização da economia local ao promover atividades produtivas como artesanato, pesca, mariscagem, turismo comunitário e beneficiamento de produtos naturais. Em comunidades costeiras, essas práticas estão diretamente relacionadas ao uso sustentável dos

recursos naturais e à preservação dos modos de vida tradicionais.

Estudos recentes destacam que, em territórios costeiros, a organização coletiva é um fator determinante para o desenvolvimento local. A cooperação entre os membros da comunidade fortalece o senso de pertencimento e possibilita a construção de cadeias produtivas mais estruturadas, além de facilitar o acesso a mercados e políticas públicas (MACHADO, 2024).

2.4 Integração entre Empreendedorismo Social Feminino, Economia Solidária e Desenvolvimento Territorial

A literatura sobre desenvolvimento e dinâmicas produtivas em contextos rurais tem avançado ao reconhecer a importância da integração entre dimensões econômicas, sociais e ambientais. Nesse debate, autores como Sen (2010) destacam que o desenvolvimento econômico e social deve ser compreendido como expansão de liberdades e capacidades, o que inclui o acesso a oportunidades econômicas e a participação social. Nessa perspectiva, a inserção das mulheres em atividades produtivas assume papel estratégico, especialmente em contextos marcados por desigualdades estruturais.

No campo do empreendedorismo, estudos indicam que iniciativas de caráter social e coletivo tendem a gerar impactos que vão além da lógica de mercado, incorporando objetivos relacionados ao bem-estar social e à transformação territorial (MAIR; MARTÍ, 2006; AUSTIN; STEVENSON; WEI-SKILLERN, 2006). O empreendedorismo feminino, nesse contexto, destaca-se por sua capacidade de articular geração de renda, fortalecimento comunitário e ampliação da participação das mulheres nas dinâmicas econômicas e sociais, conforme evidenciado por Brush, De Bruin e Welter (2009).

A análise dessas iniciativas torna-se ainda mais consistente quando associada aos princípios da economia solidária. De acordo com Singer (2002), esse modelo organiza-se a partir da propriedade coletiva dos meios de produção e da gestão democrática, promovendo formas alternativas de organização econômica baseadas na cooperação. Essa perspectiva é ampliada por Laville (2009), ao destacar que a economia solidária contribui para a construção de vínculos sociais e para a valorização de práticas econômicas orientadas ao interesse coletivo.

Sob o ponto de vista sociológico, a compreensão dessas dinâmicas também pode ser aprofundada a partir da noção de redes sociais. Granovetter (1985) argumenta que as relações sociais desempenham papel fundamental na organização das atividades econômicas,

evidenciando que a ação econômica está enraizada em contextos sociais específicos. Essa abordagem permite compreender como iniciativas coletivas, especialmente em contextos rurais, se estruturam a partir de relações de confiança, cooperação e reciprocidade.

Além disso, a análise de sistemas produtivos sustentáveis pode ser enriquecida pelas contribuições Ostrom (1990), que demonstra como comunidades podem gerir recursos comuns de forma coletiva e eficiente, sem depender exclusivamente de mecanismos de mercado ou da intervenção estatal. Essa perspectiva é particularmente relevante para compreender experiências que envolvem o uso compartilhado de recursos naturais e práticas produtivas baseadas na cooperação, como é o caso da associação AMAJE.

Nesse cenário, a chamada bioeconomia emerge como um campo que articula inovação, sustentabilidade e uso responsável de recursos naturais, sendo frequentemente associada à construção de sistemas produtivos mais sustentáveis (BUGGE; HANSEN; KLITKOU, 2016; STAHEL, 2016). Quando combinada com práticas de economia solidária e empreendedorismo social, a bioeconomia amplia o potencial de geração de valor econômico alinhado à preservação ambiental e à inclusão social.

Apesar desses avanços teóricos, a literatura ainda apresenta lacunas no que se refere à análise integrada entre empreendedorismo social feminino, economia solidária e desenvolvimento territorial, especialmente em contextos empíricos específicos. Em muitos casos, esses temas são abordados de forma fragmentada, sem considerar suas inter-relações e implicações práticas em experiências concretas.

Diante disso, torna-se relevante investigar como essas dimensões se articulam em iniciativas coletivas lideradas por mulheres. Nesse sentido, a análise da Associação das Mulheres em Ação de Jequiá da Praia (AMAJE) permite compreender, de forma situada, como práticas produtivas baseadas na cooperação, na valorização de recursos locais e na organização coletiva contribuem para a construção de dinâmicas territoriais mais inclusivas e sustentáveis.

Ao explorar essa experiência, o presente estudo busca avançar na compreensão das inter-relações entre empreendedorismo social feminino, economia solidária e desenvolvimento territorial, contribuindo para o aprofundamento teórico e empírico do campo.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, voltada à compreensão de práticas sociais e produtivas em contextos específicos. Conforme Creswell

(2014), a pesquisa qualitativa permite interpretar fenômenos em seus ambientes naturais, considerando sua complexidade e as múltiplas dimensões envolvidas. Essa abordagem mostrou-se adequada para analisar as práticas relacionadas ao empreendedorismo social feminino, à economia solidária e à bioeconomia na experiência da Associação das Mulheres em Ação de Jequiá da Praia (AMAJE).

O Quadro 1 desenha a matriz de amarração entre os objetivos específicos, as categorias e elementos de análise da pesquisa:

Quadro 1- Matriz de amarração entre os objetivos- categorias e elementos de análise da pesquisa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CATEGORIAS	ELEMENTOS DE ANÁLISE	MÉTODO USADO
1- Identificar na Literatura os fundamentos de: a-Empreendedorismo Social Feminino b-Economia Solidária e biotecnologia c-Desenvolvimento de territórios costeiros e rurais.	Fundamentos Teóricos	-Conceitos -Características - Autores	-Revisão Sistematizada da Literatura
2- Discutir as contribuições do Empreendedorismo Social Feminino para iniciativas ligadas à Economia solidária e Biotecnologia.	Integração teórica entre os fenômenos: a-Empreendedorismo Social Feminino b-Economia Solidária e biotecnologia c-Desenvolvimento de territórios costeiros e rurais.	- Pontos de Integração entre os fenômenos	-Revisão Sistematizada da Literatura
3-Analisar o papel da AMAJE na promoção de práticas produtivas sustentáveis e a integração delas com o Empreendedorismo Social Feminino, Economia Solidária e biotecnologia.	Análise qualitativa de caso.	- Práticas produtivas e organizativas - Integração entre os fenômenos	-Análise Documental da AMAJE

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

Quanto aos objetivos, a pesquisa classifica-se como descritiva, uma vez que busca caracterizar e analisar fenômenos em determinado contexto, sem a pretensão de estabelecer relações de causalidade. De acordo com Gil (2010), estudos descritivos têm como finalidade detalhar características de fenômenos ou relações entre variáveis, contribuindo para a sistematização do conhecimento.

Para fundamentar teoricamente a análise, realizou-se uma revisão sistematizada da

literatura. Segundo Snyder (2019), esse tipo de revisão adota procedimentos rigorosos e transparentes para identificar, avaliar e sintetizar estudos relevantes sobre um determinado tema. Essa etapa permitiu situar a pesquisa no campo teórico do empreendedorismo social feminino, da economia solidária e da bioeconomia.

Como procedimento técnico central, adotou-se a análise documental, entendida como um método sistemático de exame e interpretação de documentos com o objetivo de produzir conhecimento sobre determinado fenômeno (BOWEN, 2009). Foram analisados documentos institucionais da AMAJE, tais como relatórios, registros internos e materiais de divulgação, possibilitando a compreensão de sua estrutura organizacional, práticas produtivas e organizacionais evidenciando suas formas de atuação.

O processo de análise dos dados seguiu princípios de organização, categorização e interpretação das informações documentais, buscando identificar padrões, práticas recorrentes e elementos que evidenciem a atuação da associação no contexto estudado. Conforme Flick (2018), a análise qualitativa requer sistematização e coerência na interpretação dos dados, garantindo consistência analítica e rigor metodológico.

Dessa forma, a metodologia adotada permite descrever, de maneira estruturada e fundamentada, as práticas desenvolvidas pela AMAJE, contribuindo para a compreensão de sua atuação no âmbito do empreendedorismo social feminino, da economia solidária e da bioeconomia em contextos locais, especificamente em uma comunidade costeira.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta as práticas produtivas e organizacionais da AMAJE à luz da literatura, assim como os aspectos ligados à integração entre o Empreendedorismo social feminino, Economia solidária e desenvolvimento do território, priorizando as comunidades rurais e costeiras, apresentando os resultados da pesquisa.

4.1 Práticas Produtivas e Organizacionais da AMAJE

A análise dos documentos institucionais da AMAJE evidencia a consolidação de práticas produtivas, organizacionais e de inovação estruturadas a partir da cooperação entre as associadas e da gestão coletiva das atividades, em busca da sustentabilidade. Essas práticas permitem a geração de renda local, o fortalecimento da cooperação, a manutenção e preservação

ambiental, além de oferecer oficinas e treinamentos contínuos para os membros, incentivando a capacitação e a difusão de conhecimentos como parte das ações da educação empreendedora.

A forma de associação também permite o compartilhamento e a publicização das atividades da AMAJE, o que facilita a colaboração com outras associações ou cria condições para à participação em projetos locais, indicando que existe uma prática que prioriza a expansão de redes e de parcerias sejam locais ou não. Algumas das práticas realizadas pela AMAJE podem ser observadas na tabela 1.

Tabela 1: Práticas de Inovação e Sustentabilidade Aplicadas pela AMAJE

Indicador	Evidência na AMAJE	Impacto social e econômico	Referência
Geração de renda local	Comercialização de produtos artesanais em feiras e eventos	Incremento da renda familiar e inclusão econômica	Sascha Kraus et al., 2020.
Fortalecimento da cooperação	Reuniões coletivas e decisões em consenso	Maior coesão social e participação feminina	Singer (2002, p. 10)
Preservação ambiental	Uso de materiais renováveis e reaproveitamento de resíduos	Redução do impacto ambiental e valorização do território	Stahel (2016, p. 22)
Capacitação e educação empreendedora	Oficinas e treinamentos contínuos	Desenvolvimento de competências e inovação social	Colin Mason; Ross Brown, 2020.
Expansão de redes e parcerias	Colaboração com outras associações e projetos locais	Ampliação do alcance dos produtos e fortalecimento da economia territorial	Bugge; Hansen; Klitkou (2016, p. 14)

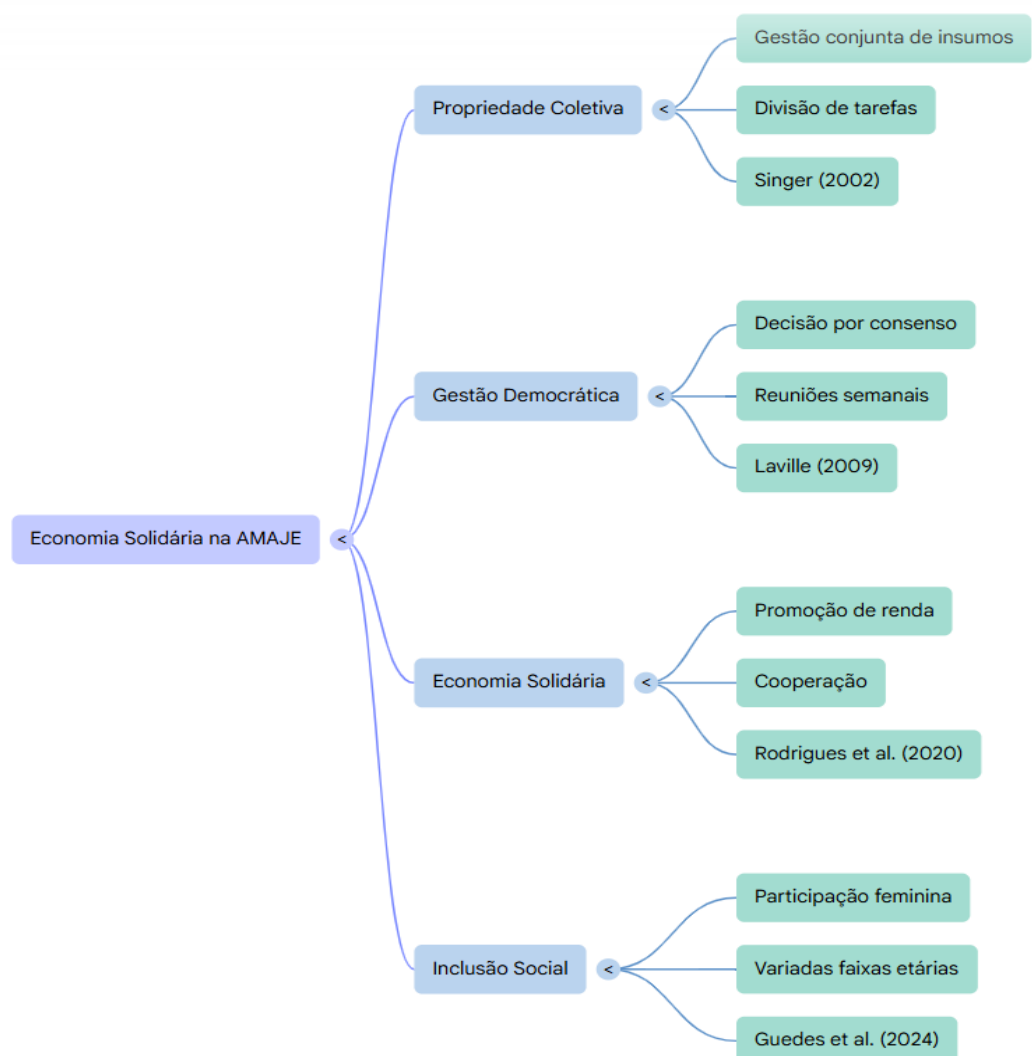
Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

Os registros analisados indicam que as decisões organizacionais são tomadas de forma

compartilhada, com responsabilidades e participação ativa das integrantes nos processos produtivos. Essa dinâmica revela a incorporação de princípios da economia solidária no funcionamento da associação, não apenas como diretriz normativa, mas como prática cotidiana que orienta a organização do trabalho e a distribuição dos resultados, como visto na Figura 1.

No âmbito das atividades desenvolvidas, observou-se a valorização de recursos naturais locais e a adoção de práticas produtivas de baixo impacto ambiental, especialmente no reaproveitamento de matérias-primas e na produção artesanal, identificando relação com os conceitos de bioeconomia e sustentabilidade.

Figura 1: Práticas da Economia Solidária na AMAJE

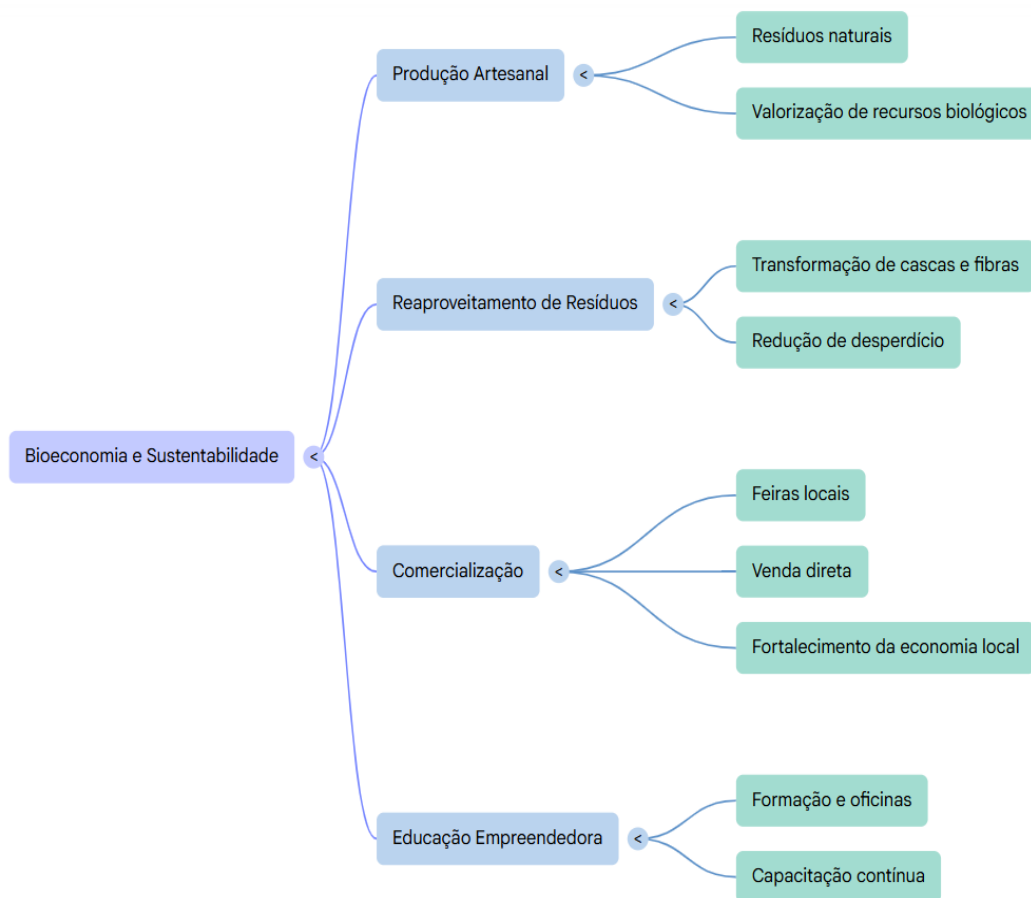


Fonte: Elaborada pelas autoras (2026)

Esses elementos indicam que a atuação da AMAJE está alinhada a uma lógica produtiva

que integra geração de renda e uso sustentável dos recursos, evidenciando uma articulação concreta entre práticas econômicas e preocupações ambientais. Tal configuração permite compreender a associação como um arranjo produtivo que opera a partir de princípios compatíveis com a bioeconomia, ainda que não formalmente sistematizados pelas próprias integrantes, como visto na figura 2, apresentada a seguir:

Figura 2: Práticas de Sustentabilidade e Gestão Coletiva na AMAJE



Fonte: Elaborada pelas autoras (2026)

Entre os documentos analisados, a saber o Relatório Anual de Gestão da Associação, o site da AMAJE, as notícias locais obtidas em jornais e Atas de reuniões revelam a existência de mecanismos internos de organização que favorecem a cooperação e a continuidade das atividades, como reuniões periódicas, compartilhamentos de tarefas e processos de aprendizagem coletiva. Esses espaços funcionam como instâncias de troca de conhecimento e fortalecimento das capacidades produtivas, contribuindo para o aprimoramento das práticas adotadas. Nesse sentido, a dinâmica organizacional observada indica que o fortalecimento das

competências das associadas ocorre de forma processual, articulando experiência prática, interação social e construção coletiva de soluções.

Outro aspecto relevante identificado refere-se à capacidade da associação para estruturar redes de colaboração no âmbito local, envolvendo tanto as próprias integrantes quanto outros atores do território. Ainda que de forma não formalizada, os registros indicam interações que ampliam as possibilidades de circulação dos produtos e de fortalecimento das atividades desenvolvidas. Isso evidencia que a atuação da AMAJE ultrapassa o nível interno da organização, contribuindo para a dinamização das atividades econômicas no território em que está inserida.

Apesar desses avanços, os resultados permitem identificar limites associados às condições estruturais e sociais que permeiam a atuação das mulheres no contexto rural. Aspectos como dificuldades de acesso a recursos, limitações de infraestrutura aparecem de forma indireta, influenciando o ritmo de expansão das atividades e a consolidação das iniciativas. Esses elementos indicam que, embora a organização coletiva contribua para a superação de parte dessas barreiras, elas ainda configuram condicionantes relevantes para o desenvolvimento das práticas produtivas.

De forma integrada, os resultados evidenciam que a AMAJE constitui uma experiência em que organização coletiva, práticas produtivas sustentáveis e valorização de recursos locais se articulam na construção de alternativas econômicas no meio rural. A análise permite compreender que tais práticas não apenas viabilizam a geração de renda, mas também promovem formas específicas de organização social e produtiva, contribuindo para a consolidação de iniciativas alinhadas ao empreendedorismo social feminino e a modelos de desenvolvimento territorial mais sustentáveis. A figura 3 ilustra os indicadores de empreendedorismo social feminino da AMAJE identificando alguns dos autores que corroboram com tais indicadores.

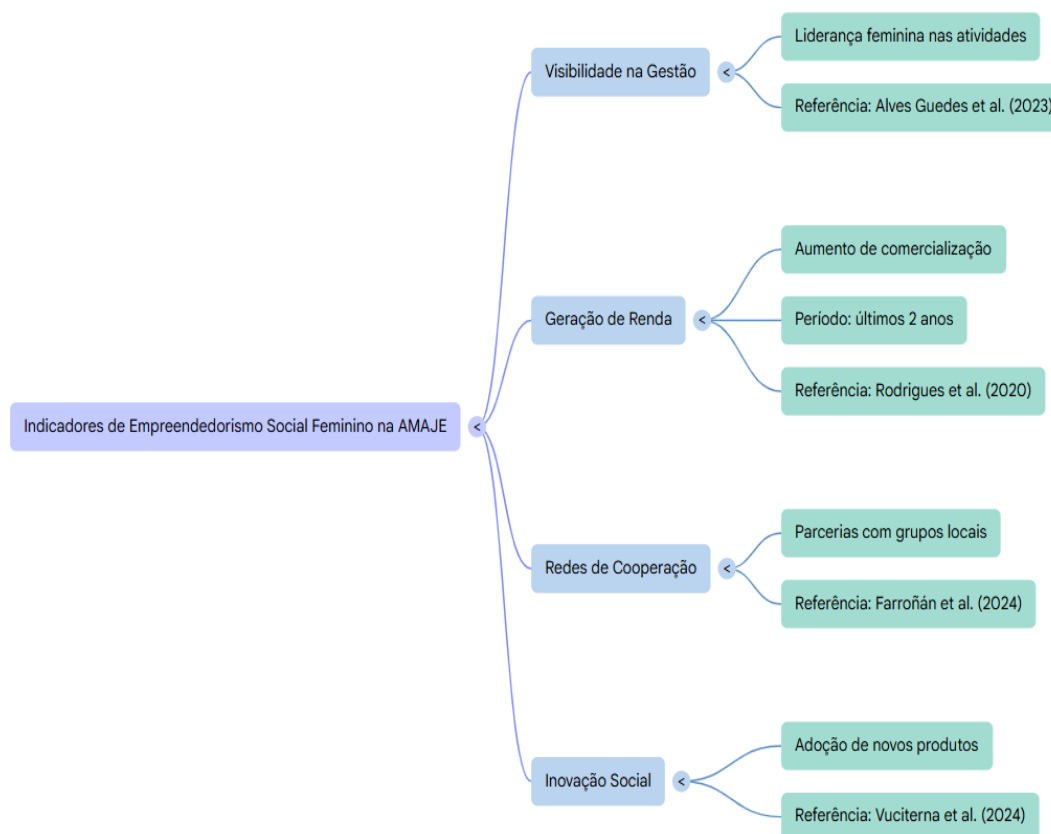
4.2 A integração entre a Organização Coletiva Feminina (AMAJE), Princípios da Economia solidária e Desenvolvimento Territorial Local

A Associação das Mulheres em Ação de Jequiá da Praia (AMAJE) configura-se como uma experiência de organização coletiva feminina que articula práticas produtivas, valorização de recursos locais e inclusão social. Inserida em um contexto territorial específico, a atuação da associação evidencia como iniciativas empreendedoras enraizadas no território podem

estimular processos de inovação social, cooperação e desenvolvimento sustentável em áreas rurais (BALESTRIN; AGOSTINI; BREITENBACH, 2022), reforçando a relevância de arranjos produtivos construídos a partir das dinâmicas locais.

No que se refere à sua forma de organização, as práticas desenvolvidas pela AMAJE alinham-se aos princípios da economia solidária, especialmente no que diz respeito à gestão democrática e à cooperação entre suas integrantes. Conforme Singer (2002), esse modelo se caracteriza pela propriedade coletiva dos meios de produção e pela participação dos próprios trabalhadores na condução das atividades econômicas. Nessa perspectiva, a associação pode ser compreendida como um espaço de construção de vínculos sociais, fortalecimento da participação feminina e organização coletiva do trabalho.

Figura 3: Indicadores de Empreendedorismo Social Feminino na AMAJE



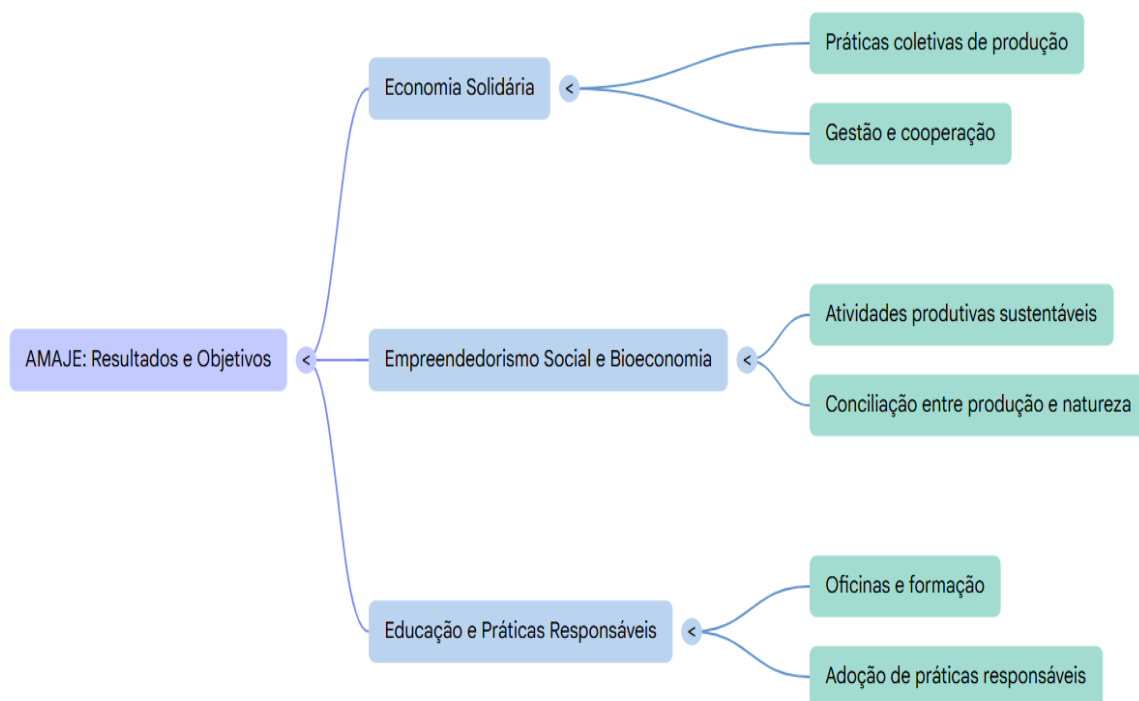
Fonte: Elaborada pelas autoras (2026)

No tocante ao desenvolvimento territorial sustentável, a experiência da AMAJE evidencia como o empreendedorismo social feminino pode produzir impactos que articulam dimensões econômicas, sociais e ambientais. A atuação da associação demonstra o potencial de

iniciativas coletivas na promoção de práticas sustentáveis e na valorização de saberes locais, contribuindo para a construção de dinâmicas territoriais mais inclusivas.

A Figura 4 apresenta as contribuições da AMAJE relacionados à Economia Solidária, Empreendedorismo Social e Biotecnologia e as práticas responsáveis com vistas à sustentabilidade.

Figura 4: Contribuições da AMAJE relacionados à Economia Solidária, Empreendedorismo e biotecnologia e práticas responsáveis.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2026)

5 CONCLUSÕES

Esta pesquisa traçou caminhos metodológicos para compreender e dar resposta à questão: *Como se configuram as práticas produtivas organizadas por coletivos de mulheres e quais impactos geram em contextos rurais e costeiros?* A análise da experiência estudada nesta pesquisa sobre a Associação das Mulheres em Ação de Jequiá da Praia (AMAJE) permite compreender como iniciativas coletivas lideradas por mulheres podem estruturar arranjos produtivos ancorados na cooperação, na gestão compartilhada e na valorização de recursos locais. Os resultados evidenciam que essas práticas não se limitam unicamente à geração de

renda, mas configuram formas específicas de organização econômica e social que articulam dimensões produtivas, ambientais e relacionais em contextos rurais ou costeiros.

Os dados analisados indicam que a atuação da associação AMAJE contribuiu para a reorganização das atividades econômicas no território, especialmente por meio da incorporação de práticas baseadas no reaproveitamento de insumos, na produção artesanal e na construção de mecanismos coletivos de trabalho. Tais elementos revelam a existência de uma dinâmica produtiva orientada por princípios de uso sustentável dos recursos e de circulação local de valor, evidenciando a viabilidade de alternativas econômicas que se distanciam de modelos produtivos convencionais.

No âmbito social, observa-se que a organização coletiva amplia a inserção das mulheres nas dinâmicas econômicas locais, ao mesmo tempo em que fortalece processos de aprendizagem, cooperação e construção de confiança entre as participantes. Essa dimensão relacional se mostra central para a continuidade das atividades, uma vez que sustenta tanto a coordenação interna quanto a capacidade de adaptação frente a limitações estruturais presentes no contexto analisado.

Do ponto de vista analítico, o estudo contribuiu ao evidenciar que a articulação entre práticas produtivas, organização coletiva e valorização territorial constitui um elemento-chave para a compreensão de iniciativas vinculadas ao empreendedorismo social feminino. Ao mesmo tempo, os resultados indicam que tais experiências permanecem condicionadas por restrições estruturais que influenciam seu alcance e sua capacidade de expansão, reforçando a necessidade de ambientes institucionais mais favoráveis.

Nesse sentido, destaca-se a relevância de políticas públicas e estratégias de apoio que reconheçam e fortaleçam iniciativas dessa natureza, não apenas como mecanismos de inclusão econômica, mas como formas de organização capazes de promover transformações mais amplas nos territórios em que se inserem. A experiência analisada evidencia, portanto, que práticas baseadas na cooperação e na gestão coletiva podem constituir caminhos consistentes para a construção de dinâmicas produtivas mais sustentáveis e socialmente inclusivas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. L.; FAHD, P. G. Agricultura familiar e os programas de políticas públicas contribuindo para o desenvolvimento local e regional através da economia solidária. **P2P & Inovação**, v. 9, n. 2, 2023.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS ALAGOANOS (AMA). **Jequiá da Praia brilha na 13ª Feira dos Municípios Alagoanos**. 2026. Disponível em: <https://ama-al.com.br/jequia-da->

praia-brilha-na-13a-feira-dos-municipios-alagoanos/. Acesso em: 07 mar. 2026.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS ALAGOANOS (AMA). **Trabalho que reutiliza resíduos de siri em Jequiá da Praia representa o Brasil em conferência internacional na Espanha.** 2022. Disponível em: <https://ama-al.com.br/trabalho-que-reutiliza-residuos-de-siri-em-jequia-da-praia-representa-o-brasil-em-conferencia-internacional-na-espanha/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

AUSTIN, J.; STEVENSON, H.; WEI-SKILLERN, J. Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both? **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 30, n. 1, p. 1-22, 2006.

AUTIO, E. et al. Digital affordances, spatial affordances, and the genesis of entrepreneurial ecosystems. **Strategic Entrepreneurship Journal**, 2020.

BALESTRIN, A.; AGOSTINI, L.; BREITENBACH, R. Empreendedorismo feminino, inovação social e desenvolvimento rural. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 26, n. 6, 2022.

BERTOLDI, M. R.; BRAGA, F. R. O papel das mulheres das comunidades tradicionais como vetor na promoção do desenvolvimento sustentável. In: PAGLIARINI, A. C.; RIBEIRO, M. C. P. (org.). **Sociedades e Direito**. 1. ed. Rio de Janeiro: GZ, 2013. v. 1, p. 317-347.

BOWEN, G. A. Document analysis as a qualitative research method. **Qualitative Research Journal**, v. 9, n. 2, p. 27-40, 2009.

BRASIL. **Dia Nacional da Economia Solidária destaca papel das mulheres na geração de renda e no cuidado comunitário.** 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2025/dezembro/dia-nacional-da-economia-solidaria-destaca-papel-das-mulheres-na-geracao-de-renda-e-no-cuidado-comunitario>. Acesso em: 12 dez. 2025.

BRASIL. **Mulheres representam 70% da força de trabalho na economia solidária mundial, diz Gilberto Carvalho.** 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2025/marco/mulheres-representam-70-da-forca-de-trabalho-na-economia-solidaria-mundial-diz-gilberto-carvalho>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRAZILFOUNDATION. **Associação Mulheres de Jequiá da Praia.** 2023. Disponível em: <https://brazilfoundation.org/project/associacao-mulheres-de-jequia-da-praia/>. Acesso em: 03 mar. 2026.

BROWN, R.; MASON, C. Looking inside the spiky bits: a critical review and conceptualisation of entrepreneurial ecosystems. **Small Business Economics**, 2020.

BRUNI, A.; GHERARDI, S.; POGGIO, B. Doing gender, doing entrepreneurship: an ethnographic account of intertwined practices. **Gender, Work & Organization**, v. 11, n. 4, p. 406-429, 2004.

BRUSH, C. G.; DE BRUIN, A.; WELTER, F. A gender-aware framework for women's entrepreneurship. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v. 1, n. 1, p. 8-24, 2009.

BUGGE, M. M.; HANSEN, T.; KLITKOU, A. What is the bioeconomy? A review of the literature. **Sustainability**, v. 8, n. 7, p. 1-23, 2016.

COSTA, N. M. A.; CARDOSO, J. S. Produções artesanais do grupo de mulheres da Associação dos Trabalhadores Rurais da Agricultura Familiar e Artesanatos Quilombo Lagoa dos Anjos: aproximações e distanciamentos da economia solidária. **Revista ComCiência - Multidisciplinar**, v. 8, n. 11, p. 239-256, 2023.

CRESWELL, J. W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2014.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Missão da FAO Brasil visita comunidades de pescadoras em Alagoas**. 2022. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/76892678/missao-da-fao-brasil-visita-comunidades-de-pescadoras-em-alagoas>. Acesso em: 18 mar. 2026.

FERREIRA, F. C.; VASCONCELOS, B. Vai garota: o empreendedorismo feminino na construção da marca Itaú. **Diálogo com a Economia Criativa**, v. 4, n. 12, 2019.

FLICK, U. **An introduction to qualitative research**. 6. ed. London: Sage, 2018.

GEELS, F. W. The multi-level perspective on sustainability transitions: responses to seven criticisms. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 1, n. 1, p. 24-40, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985.

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS (IFAL). **Projeto de extensão atua em mutirão de limpeza na Lagoa de Jequiá**. 2025. Disponível em: <https://www2.ifal.edu.br/campus/maceio/noticias/projeto-de-extensao-atua-em-mutirao-de-limpeza-na-lagoa-de-jequia>. Acesso em: 15 mar. 2026.

JORNAL CANA. **Usina Caeté apoia projeto de reaproveitamento da casca do siri na produção de adubo orgânico**. 2022. Disponível em: <https://jornalcana.com.br/mercado/usinas/usina-caete-apoia-projeto-de-reaproveitamento-da-casca-do-siri-na-producao-de-adubo-organico/>. Acesso em: 11 mar. 2026.

KRAUS, S. et al. Digital entrepreneurship: a research agenda on new business models for the twenty-first century. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, 2020.

LAVILLE, J.-L. **A economia solidária: um movimento internacional**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MAIR, J.; MARTÍ, I. Social entrepreneurship research: a source of explanation, prediction, and delight. **Journal of World Business**, v. 41, n. 1, p. 36-44, 2006.



MCADAM, M.; HENRY, C. Female entrepreneurship and social innovation: a systematic review. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, 2021.

MERRIAM, S. B.; TISDALE, E. J. **Qualitative research**: a guide to design and implementation. 4. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2016.

MIDGLEY, J. **Social development**: theory and practice. London: Sage, 2014.

OSTROM, E. **Governing the commons**: the evolution of institutions for collective action. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SEBRAE. **Conheça a economia solidária, que incentiva produção socialmente justa**. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SNYDER, H. Literature review as a research methodology: an overview and guidelines. **Journal of Business Research**, v. 104, p. 333-339, 2019.

STAHEL, W. R. The circular economy. **Nature**, v. 531, p. 435-438, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL). **Amaje: as mãos que costuram o futuro nas águas da lagoa de Jequiá da Praia**. 2025. Disponível em: <https://noticias.ufal.br/transparencia/noticias/2025/6/amaje-as-maos-que-costuram-o-futuro-em-jequia-da-praia>. Acesso em: 08 mar. 2026.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

WENGER-TRAYNER, E.; WENGER-TRAYNER, B. **Learning to make a difference**: value creation in social learning spaces. [S. l.: s. n.], 2020.